

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, o Brasil amarga hoje um processo de desindustrialização que, sem precedente em nossa história, configura grave retrocesso econômico e responde, em grande parte, pela tragédia de quase 13 milhões de desempregados.

E ainda temos os 4 milhões de brasileiros que, desiludidos e cansados, deixaram de buscar uma colocação, aqueles que o IBGE chama de “desalentados”, triste e trágica designação para os abatidos pela desesperança.

A indústria de transformação, que nos anos 80 e 90 representava mais de 35% da produção nacional, hoje contribui com menos de 12% do PIB brasileiro, e continua caindo, ou seja: cada vez mais dependemos dos repetidos “milagres do campo” para salvar nossa balança comercial.

Porém, a admirável revolução tecnológica, que impulsiona a produtividade agrícola, não poderá cobrir indefinidamente o déficit industrial do Brasil, decorrente de uma sucessão de políticas governamentais erradas.

Em recente visita ao País, o economista Ha-Joon Chang, professor em Cambridge, advertiu para a rapidez da desindustrialização no Brasil, com a dependência crescente de *commodities*, ou seja, de produtos sem valor agregado. “*Países dependentes de commodities não conseguem controlar seu destino*”, sentenciou.

Agora mesmo, a decisão de Trump de sobretaxar o aço brasileiro nos Estados Unidos, renunciando desastrosas perdas para o Brasil, expõe a fragilidade de uma economia baseada na exportação de produtos *in natura* ou semiprocessados, de matéria-prima, enfim.

A propósito do aço, é oportuno e triste lembrar que, na década de 90, Fernando Henrique Cardoso privatizou a Vale do Rio Doce, principal empresa estratégica brasileira no ramo da mineração e da infraestrutura, vendida por 3 bilhões de reais. Depois de 14 anos, a empresa tinha valor de mercado estimado em 300 bilhões de reais. Sim, senhoras e senhores, 300 bilhões de reais!

Contudo, aquela viria a ser “apenas” a mais visível evidência do desastre que significou para o Brasil sua bovina submissão, desde anos antes, ao projeto neoliberal, que vendeu a ideia de que era preciso abrir a economia e reduzir a presença do Estado, através das privatizações, que, por sua vez, abriram as portas ao capital estrangeiro.

Desde então, políticas erráticas, ou que se mostrariam claramente erradas, comprometeram a modernização industrial do Brasil, cuja defasagem a recessão recente só fez agravar.

Para concluir, Sr. Presidente, aponto três pontos para reflexão.

Primeiro, nenhuma potência industrial se fez sem medidas protecionistas.

Segundo, é absolutamente falso o argumento de que a queda da participação da indústria no PIB, no caso brasileiro, seja consequência natural de sua substituição pelos serviços de alta sofisticação tecnológica.

Terceiro, um parque industrial competitivo em escala global é pressuposto para que o País produza e absorva tecnologias de vanguarda.

Muito obrigado.